

**NARRATIVAS PARA ALÉM DA PALAVRA:
derivadas (auto)biográficas e poéticas na educação**

Lilian Da Silva Ney¹
Aline Machado Dorneles²

Resumo: Este texto de cunho narrativo é um convite a que possamos pensar e sentir sobre possibilidades outras de pesquisar e conversar acerca de nossas práticas educativas e investigativas em educação. Investigar narrativamente nossas práticas, flerta com uma escrita e uma escuta atenta e amorosa, apostando nas narrativas como possibilidade de potencializar as práticas educativas, estudos e experiências nos/dos/com os cotidianos e os saberes e fazeres que acontecem nas universidades e nas escolas. Neste sentido, o presente artigo tece reflexões sobre o devaneio como proposta de artesanaria narrativa, a deriva como possibilidade de ressignificar o vivido e a própria narrativa como um fazer poético. Investigar narrativamente o que se passa no cotidiano, tomando a prática como centralidade, é colocar a experiência do sujeito no centro do debate. Somos constituídas de histórias, únicas e singulares, narramos nossas experiências e memórias, compartilhamos saberes e conhecimentos buscando tecer outras reflexões teórico-metodológicas ao nos reinventarmos através da narrativa, em um processo de (auto)formação pessoal em conversa com a memória individual e coletiva. Uma formação singular habitada por muitas “pessoinhas”, com nossas histórias e biografias singulares e plurais, individuais e coletivas, pois somos feitas de histórias, de muitas histórias passadas, presentes e futuras. Viver de utopias, sonhos, devaneios, metáforas, presenças, ausências, atravessamentos, encantamentos, é um convite a investigar e compartilhar narrativamente essas experiências.

Palavras-chave: Narrativa. Poético. Experiência.

**NARRATIVES BEYOND THE WORD:
(auto)biographical and poetic drifts in education**

Abstract: This narrative text is an invitation for us to think and feel about other possibilities for researching and talking about our educational and research practices in education. Narratively investigating our practices flirts with writing and listening attentively and lovingly, betting on narratives as a possibility for enhancing educational practices, studies and experiences in/with/in everyday life and the knowledge and actions that take place in universities and schools. In this sense, this article reflects on daydreaming as a proposal for narrative craftsmanship, drifting as a possibility of giving new meaning to what is lived and narrative itself as a poetic act. Narratively investigating

¹ Mestra em Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande. Especialista em Educação em Direitos Humanos pela Universidade Federal do Rio Grande. Pedagoga pela Universidade Federal do Rio Grande. Doutoranda em Investigación Narrativa y (Auto)biográfica en Educación (Universidad Nacional de Rosário – AR). Técnica Administrativa em Educação – Pedagoga na Universidade Federal do Rio Grande. Membro do Grupo de Pesquisa Tramas Narrativas em Educação. E-mail: liliansney@gmail.com.

² Professora Associada na Universidade Federal do Rio Grande e no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na FURG, Brasil. Pós-doutora em Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas pela Universidade de Buenos Aires. Doutora e Mestre em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande. Professora colaboradora no Programa de Investigación Narrativa e (Auto)biográfica do Doutorado em Educação da Universidade de Rosário (UNR), Argentina. Líder do Grupo de Pesquisa Tramas Narrativas na Educação. Co-coordenadora do Coletivo Brasileiro de Redes de Investigación-Formação docente e coordenadora da Rede Cirandar: rodas de investigación na Escola. E-mail: alinedorneles@furg.br

what happens in everyday life, taking practice as the centrality, means putting the subject's experience at the center of the debate. We are made up of stories, unique and singular, we narrate our experiences and memories, we share knowledge and expertise, seeking to weave other theoretical-methodological reflections by reinventing ourselves through narrative, in a process of personal (self) formation in conversation with individual and collective memory. A singular formation inhabited by many "little people", with our singular and plural individual and collective histories and biographies, because we are made of stories, of many past, present and future stories. Living from utopias, dreams, daydreams, metaphors, presences, absences, crossings, enchantments, is an invitation to investigate and share these experiences narratively.

Keywords: Narrative. Poetic. Experience.

NARRATIVAS MÁS ALLÁ DE LA PALABRA: derivadas (auto)biográficas y poéticas en la educación

Resumen: Este texto narrativo es una invitación para que pensemos y sintamos otras posibilidades de investigar y hablar sobre nuestras prácticas educativas y de investigación en educación. Investigar narrativamente nuestras prácticas coquetea con la escritura y la escucha atenta y amorosa, apostando por las narrativas como posibilidad para potenciar las prácticas educativas, los estudios y las experiencias en/con la vida cotidiana y los saberes y acciones que tienen lugar en las universidades y escuelas. En este sentido, este artículo reflexiona sobre el ensueño como propuesta de artesanía narrativa, la deriva como posibilidad de resignificación de lo vivido y la propia narrativa como quehacer poético. Investigar narrativamente lo que sucede en la vida cotidiana, tomando como eje la práctica, supone poner en el centro del debate la experiencia del sujeto. Estamos hechos de historias, únicas y singulares, narramos nuestras experiencias y memorias, compartimos conocimientos buscando tejer otras reflexiones teórico-metodológicas reinventándonos a través de la narrativa, en un proceso de formación personal (self) en conversación con la memoria individual y colectiva. Una formación singular habitada por muchas "personitas", con nuestras historias y biografías individuales y colectivas singulares y plurales, porque estamos hechos de historias, de muchas historias pasadas, presentes y futuras. Vivir desde utopías, sueños, ensoñaciones, metáforas, presencias, ausencias, cruces, encantamientos, es una invitación a investigar y compartir narrativamente estas experiencias.

Palavras-clave: Narrativa. Poética. Experiencia.

Primeiras reflexões: narrativa, memória e educação

minha poesia vem de um lugar
ancestral

não conheci minha mil avó
mulher que rasgava o solo com as próprias mãos
e plantava ali as sementes do futuro

às vezes, em sonho, nos encontramos
mirando a vastidão do universo
deitadas sobre o manto cintilante do céu

não conheci minha mil avó
mas habita em mim o seu legado

o meu legado
é ser poeta
que rasga o solo até sangrar os dedos
e planta ali o indizível
o impublicável
o proibido
para que outras mulheres
que não conheceram sua mil avó
saibam que podem, elas também, ser
palavra

Recriamo-nos³ com nossas histórias, sobre nós e sobre o outro. Somos constituídas⁴ pelas narrativas sociais e culturais e enquanto seres únicos e singulares, temos nossas próprias histórias. Narrativas que nos contam, que dizem de nós, que nos levam aos lugares de nossas experiências, às nossas memórias e, nesse processo de recontar nossas experiências vividas, abrimo-nos à possibilidade de pensar e de refletir nossos devires, não só no sentido de um futuro, mas como movimento permanente de transformação e de mudanças.

O poema⁵ que inaugura este artigo coloca em circulação saberes, experiências e reflexões sobre e com minhas experiências de vida, acadêmicas, profissionais, poéticas, políticas que caminham comigo, desde tenra idade, desde o ventre, desde tempos ancestrais. É um chamamento para pensarmos modos outros de educar e pesquisar e, também de inspirar, como nos convoca Denise Najmanovich (2008) a *mirar con nuevos ojos*, de provocar inquietações, um convite a continuar caminhando e acreditando na educação como possibilidade de mudança e transformação.

Esta caminhada começa a alguns anos, no começo deste novo século, como movimentos suleadores⁶ das narrativas que contam o como cheguei até aqui, numa caminhada

³ Utilizarei/mos ora a primeira pessoa do singular, quando as experiências vividas se referirem a primeira autora do artigo e na terceira pessoa do plural, quando essas experiências forem vividas no coletivo.

⁴ Neste artigo, assumo/imos o feminino para nomear os substantivos utilizados na escrita, como forma de romper com a dicotomia ele/ela e também como forma de provocar estranhamento. Na leitura de alguns termos, como o X/@, lemos habitualmente no masculino, por isso, ao colocar o equivalente ao X/@ no feminino, além de gerar esse estranhamento, rompemos, também, com a regra gramatical hegemônica.

⁵ Este poema e outros que constituem esse artigo são de autoria da primeira autora do presente artigo.

⁶ O sul, como afirma o mestre Paulo Freire, é o nosso norte. Essa assertiva em comunhão com os estudos

pedagógica carregada de sentidos. Uma caminhada que se dá no entre, que se dá com, não apenas no sentido de estar junto, mas “de estar aberta a, de estar disponível a” (Guedes; Ribeiro, 2019, p. 22) viver e sentir essas experiências.

Tenho andado de mãos dadas com a Universidade Federal do Rio Grande - FURG, desde minha formação em Pedagogia Educação Infantil, passando pela Especialização em Educação em Direitos Humanos, alguns anos depois, pelo Mestrado em História da Literatura e desde 2013, atuando como (Profissão) na (Instituição/Unidade).

Sou doutoranda no Programa (Nome do Programa) que aposta numa formação doutoral centrada na investigação narrativa e (auto)biográfica da educação e no momento tenho dedicado meu tempo entre as escritas da tese, leituras e experiências narrativas.

A minha investigação se inspira nas ruas do cotidiano, nas conversas, nas trocas de experiências dos nossos **saberesfazeres**⁷, como possibilidade utópica de nos contarmos, de alimentar a pergunta, de partilhar conhecimentos e saberes, de compartilhar preocupações comuns e singulares, numa rede de pontos e nós que se entrelaçam, legitimando as relações entre as participantes da investigação.

Talvez, mais do que redes, mas constelações de amizades, de encantamentos, de trocas e partilhas, um convite a deixar a vida entrar, como nos diz a professora Inês Bragança (2012). E, os modos de se contar, são muitos. Histórias impregnadas de outras histórias, nas palavras de Galeano (2002), somos pessoas brotadas de outras pessoinhas. Esses modos de se contar abrem possibilidades teóricas, metodológicas e epistemológicas de se investigar de um modo mais sensível e humano. Apostamos nas narrativas (auto)biográficas⁸ como forma de abrir os sentidos para a multiplicidade de **saberesfazeres** que envolvem a pesquisa, de espichar nosso olhar para a pesquisa narrativa (Clandinin; Connelly, 2015), para a conversa

decoloniais latino-americanos valorizam, em detrimento de um saber universal, outras formas de ser, estar, habitar com e no mundo.

⁷ Aprendemos com as pesquisas vinculadas aos estudos nos/dos/com os cotidianos, Nilda Alves (2002) e Regina Leite Garcia (2003) a necessidade de juntarmos termos considerados excludentes pela ciência moderna, assim como, romper com as dicotomias **teóricas-metodológicas** e, sobretudo, revelar a indissociabilidade e a retroalimentação desses pares correlacionados.

⁸ O (auto) entre parênteses surge como opção epistêmico-metodológica com a edição do Primeiro Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica (CIPA). Foi utilizado pela primeira vez por Antônio Nóvoa e Mattias Finger (1988) no livro O método (auto)biográfico e a formação, que remete para a dimensão subjetiva do método, em Educação, e para a função formativa do discurso autobiográfico como dispositivo de pesquisa-formação (Souza, 2022).

como metodologia de pesquisa (Ribeiro; Souza; Sampaio, 2018), para a pesquisa nos/dos/com os cotidianos (Alves, 2008), para a documentação narrativa de experiências pedagógicas (Suárez, 2017; Dorneles; Suárez 2023) entre tantos outros dispositivos que apostam nas narrativas como produtoras de sentidos.

Somos sujeitos de memória, contamos histórias, mas nem sempre as registramos. Esses registros são importantes não só para revelar os caminhos de nossas pesquisas, estudos e discussões, mas como forma de divulgar o que estamos produzindo nos nossos percursos educativos. Publicizar experiências “*cargadas de sentidos, y de sentidos muy diversos, para quién las producen y las viven todos los días*” (Suárez, 2017, p. 194), como possibilidade de tecer a vida, a formação e a educação, resgatando pela narrativa o passado, (re)construindo no presente, outros modos de fazer, pensar e viver educação. Narrativas para dar a ler as nossas experiências de mundo, como gesto de resistência, como forma de romper com a cultura do silêncio, de produzir insurgências, de desobediência, rompendo com o discurso hegemônico que aponta quem pode falar e quando pode fazê-lo.

Neste sentido, as pesquisas narrativas, (auto)biográficas e biográficas, contribuem para um novo olhar sobre as nossas investigações e os modos como compreendemos nossa (auto)formação. Trata-se de pesquisas que valorizam a experiência dos sujeitos praticantes do cotidiano, em um processo emancipatório, com autoria própria, que nos convidam a pensar com, sobre, como e por que estamos investigando. Mais do que isso, vivenciamos a experiência da qual fazemos parte, ou seja, não é apenas o registro da experiência, como se fosse um anexo, um apêndice, mas a vivência dessa experiência, que é “sempre dual, é sempre **a pesquisadora** vivenciando a experiência e também sendo parte da própria experiência” (Clandinin; Connelly, 2015, p. 120 - grifo meu).

Ao tratar de pesquisas com os cotidianos, Nilda Alves (2008) nos convida a literaturizar a ciência, isto é, não se trata de investigar levando em conta somente a dimensão científica, mas de compreendê-la em todos seus atravessamentos: éticos, estéticos, políticos, poéticos, literários. Pesquisar a partir desses atravessamentos, nos convoca a pensar em uma educação mais plural e comprometida com nossas ações e reflexões sobre os termos reproduzidos em nossas investigações e como somos afetadas por eles. Ao olhar para aquilo que venho construindo, tanto na pesquisa como nas minhas andanças acadêmicas,

profissionais, sindicais, culturais, questiono-me sobre o ato de me contar: Como (auto)biografar-me sem a entrega de corpo, mente, alma e desejos?

As leituras que tenho feito, tanto acerca das teorias da educação como dos processos educativos e de que forma essas leituras conversam com a minha investigação, em andamento, provocaram outras perguntas. Como aprendemos o que sabemos? Essa foi a primeira pergunta que ressoou na minha cabeça e depois foi se espalhando pelo corpo, fui sendo envolvida por completo por ela, braços, pernas, olhos, ouvidos, boca, tudo em mim tornando-se pergunta.

Outras provocações se juntaram a essa pergunta: O que alimenta a pesquisa? O que eu faço é válido enquanto pesquisa? Pesquisa narrativa, o que é isso que se apresenta? E o poético, o devaneio, as metáforas, as utopias, as experiências, a conversa e outros dispositivos de documentar nossas experiências investigativas e educacionais são capazes de incitar uma busca por respostas, ou melhor dizendo, por mais perguntas? O que pode essa artesanaria de **saberesfazer**s que se movimenta no **espaçotempo** nos quais nós, praticantes dos cotidianos nos (trans)formamos e ressignificamos o ato educativo e investigativo?

Essas questões permeiam o meu fazer administrativo e pedagógico e o Doutorado intensificou essa vontade de investigação. Assim, o que se versa nesse artigo é pensar a prática educativa como um processo formativo e reflexivo de forma que nossos narrados se constituam em diálogos-experiências, ou seja um processo reflexivo e dialógico com os nossos cotidianos, que passam, segundo Suárez (2017), a ser significados na reflexão sobre a prática pedagógica, desde uma política de sentido, de saberes e de conhecimentos em que o ético, o estético e o político-social são indissociáveis.

Acrescento, a esses termos, o poético, enquanto produção discursiva do outro e de nós mesmas, como possibilidade de compor sentidos às experiências vividas. Ao nos narrarmos, historiamos a nós mesmas, nossos estudos, nossas percepções, nossas memórias, um percurso narrativo que não se encerra, mas que é um estar sendo e, por isso, um importante instrumento para nossas pesquisas e estudos no campo das ciências humanas, na área da educação.

Narrar poeticamente, essa artesanaria de **saberesfazer**s, intersecciona-se a Jorge Larrosa (2002) ao nos convidar a pensar com palavras e não com pensamentos, e também, Mario Osório Marques (2006, p. 15) que nos convoca a “escrever para pensar, uma outra

forma de conversar”, e ainda, Ailton Krenak (2021) que traz a ideia de sujeito coletivo, de sujeito narrativo.

As palavras que narro em versos poéticos são palavras encharcadas de sentido, de sentimentos de pertença, uma representação que se materializa em forma de poema. Ao abrir esse artigo com os versos: *minha poesia vem de um lugar / ancestral /, é uma forma de pensar aquilo que me afeta, que me perpassa, que me modifica. É uma forma de pôr em movimento as palavras, por isso, os versos que a eu poética narra, transitam entre os tempos passado, futuro e presente. Grávida dessa ancestralidade entrelaço outras vivências e suas ressonâncias encontro-me com minha mil avó: não conheci minha mil avó / mulher que rasgava o solo com as próprias mãos / e plantava ali as sementes do futuro / [...].*

Sementes de uma herança ancestral que “nos alimenta e impulsiona na direção de uma forma de viver a pesquisa como caminhada, como conversação, como experiência de escuta e de atenção” (Godoy; Ribeiro, 2021, p. 11). Talvez, seja preciso fazermos silêncio, para escutarmos, em meio ao frenesi de buzinas, toques de celular, passos apressados, artilharias que despedaçam vidas, tragédias climáticas, pandemias e outros atravessamentos que cegam nossos afetos, nossa sensibilidade para o belo, para o encontro, para o humano, essa herança que trazemos em nós.

Ailton Krenak, autor indígena brasileiro, invoca esse tempo ancestral: “[...] se há um futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui” (Krenak, 2022, p. 11). O que nós fazemos é mirar com outros olhos (Najmanovich, 2008) e ainda, aceitar o convite a nos olharmos de novo, mais atentas e com menos altivez, da poeta Hilda Hilst, (2017).

Um convite à reflexão que nos coloca no entremeio daquilo que vivemos em comunhão. Por isso, aposto na investigação narrativa (auto)biográfica como um ato de artesanaria, um ato de criação que se abre às mudanças, às intempéries, aos movimentos de chegadas e partidas, que tem a ver com a caminhada, com o acontecer, com a própria experiência. Uma artesanaria educativa relacional, no resgate de valores, intencional, que promovam a reflexão a partir do vivido, como premissa para uma educação sensível e transformadora.

Resgatar em nós, inspiradas nas palavras de Estévez (2008) a capacidade de projetar nossa sensibilidade artística nas nossas atividades de vida e lançar o desafio de auxiliarmos, as

crianças, na sua formação artística, a “*ir construyendo su propia ‘brújula’ para que un día pueda orientarse en el complicado mundo de los valores artísticos*” (p. 70).

Voltando ao poema que abre essa narrativa, como um exercício de escuta íntima, “não conheci minha mil avó / mas habita em mim o seu legado”, anuncia um desejo utópico (re)construído pela memória, de trazer para o campo narrativo, não só o poético, mas a essência do qual se constitui, enamorado do social, do político, das crenças, da ética e da estética, das interpretações, das vivências, das motivações, dos encantamentos que me fazem viva, que me fazem **estarsendo**, em constante transformação.

Assim como no poema, na vida, no nosso exercício pedagógico, na escola e na universidade é, também, nas relações interpessoais que a investigação acontece e, por isso, a importância de uma escuta atenta, a importância de sermos escutadeiras feministas (Diniz, 2022), pois, “se as palavras não provocam os afetos ou a imaginação de quem ouve, a audição acaba por ser mecânica e sem sentido” (p.18). É nesse sentido, que Débora Diniz nos convida a praticar esse gesto ético, de aprender a escutar na convivência com outras mulheres, nos deixando afetar por suas histórias de vida, por suas narrativas educativas, pelas suas memórias de infância, com suas dores e amores, com seus medos e angústias, com seus sucessos e esperanças.

Entre avanços e retrocessos vou me tornado uma escutadeira feminista, num movimento que se desloca do conformismo do “sempre foi assim”, rompendo com a alienação que o patriarcado nos impõe, com suas ordens e opressões sobre nossos corpos e mentes, assumindo e reinventando modos de viver e sentir e pesquisar e narrar e formar em redes de partilhas movimentos que nos inspiram e nos mobilizam a habitar a educação como prática da liberdade (Freire, 2020; hooks⁹, 2017).

Ampliamos a compreensão de nós mesmas, do outro e do mundo, quando espaços de fala e de escuta são criados. Nesses espaços, as coisas simples do cotidiano, as coisas ordinárias, podem ser praticadas sem a presunção científica de verdade, mas sentidas em nossos corpos, com as belezas e encantamentos sobre e com o mundo, sobre nós e nossas aventuras, sentimentos encharcados de *Eros* (hooks, 2017) que inundam a vida, a escuta

⁹ O nome em minúscula respeita a decisão da autora por essa grafia, pois para ela o mais importante era sua obra, seus livros, a substância e não nomes e títulos.

atenta, as salas de aula, as conversas, à ida ao campo de nossas pesquisas e tudo o que se produz em comunhão.

Assim, ao contar as histórias de nossas experiências profissionais e educativas reconstruímos as experiências pedagógicas, refletimos sobre nossa prática, colocando atenção naquilo que queremos tornar público, compartilhável. Esse processo é uma ferramenta valiosa, tanto conceitual quanto metodológica que nos permite olhar para o passado no presente, sem pretensão de verdade, mas como uma aventura que merece ser compartilhada.

Ao encontro do poético: movimentos em espiral

Era uma vez uma guria, do interior do RS, da cidade portuária de Rio Grande e sua extensa praia do Cassino, que queria ser escritora. Queria ler e escrever com sua própria mão. Nos finais de semana, sentada ao lado do pai, no grande sofá da sala, ria e ria das falas engraçadas que ele pronunciava. Fazia vozes diferentes e ela vivendo de encantamento sonhava com aquelas histórias, que escutava com atenção. Queria ser, também, protagonista, Maga Patalógica era tão divertida, a Mônica e seu coelhinho, a Magali e sua grande fome, a Margarida e suas sobrinhas, Lalá, Lelé e Lili e tantas outras mulheres e meninas que rodeavam seu imaginário. Durante a semana, olhava a parede da sala de aula com aquelas letras dispostas lado a lado, acima do quadro verde, que segundo a professora da primeira série, se chamava alfabeto. Seus olhos percorriam aquelas letrinhas tão bem desenhadas e ela imitava o desenho no seu caderno, com cuidado e alegria. Aos poucos foi percebendo que aquelas letrinhas também tinham som, e começou a juntá-las e produzir sons e palavras. Palavras com som. Lembrava do pai e das palavras e lembrava também daquelas manchinhas nas revistinhas que o pai lia para ela, parecidas com as letras do alfabeto na parede da sala de aula. Tudo aquilo que ela sempre escutou desde que se lembra, não eram só sons, tinham uma forma.

Aprendi a ler e a escrever. E a partir daí, fui inventando minhas próprias histórias. Quero compartilhar uma dessas histórias que se nutre de uma experiência significativa da infância, pegadas que ainda marcam o caminho, vivas, pulsantes. A infância vem num movimento de ressignificar quem eu sou hoje, quem estou me tornando, um olhar para o passado, no presente, e nesse mesmo presente gestar outros futuros.

As águas de março encerravam o verão e com elas a volta às aulas me traziam alegria e insegurança. Estava na segunda série e o medo do desconhecido me deixava inquieta. Eram os anos 1970, eu estudava no Colégio Rheingantz, na Avenida Rheingantz, na cidade de Rio Grande, RS. Era a segunda semana de aula e a nova professora anunciava que iríamos fazer uma composição, se alguém sabia do que se tratava, e como ninguém respondia, ela foi nos mostrando como contar aquilo que vivemos durante o verão. Não apenas contar, mas transformar nossa voz em palavras que se escrevem, assim como as palavras que vêm impressas nas cartilhas.

Nesse tempolugar foi onde começou muitas das lembranças que me trouxeram até essa escrita, na qual revivo aqueles momentos tão importantes para mim. A professora escreveu no quadro, com giz branco, a palavra Composição e ao lado dela o título: “Minhas férias de verão”. Logo a seguir, nos disse para usarmos uma folha do caderno ainda em branco, dos dois lados. Diante dos meus olhos um mundo todo novo se apresentava e eu, envolta em meus devaneios de criança, me pus a juntar letras até formar palavras e palavras que se transformaram em frases que todas juntas formavam os parágrafos. Foi o meu lugar preferido durante muito tempo, as invenções, a imaginação, o encantamento de reviver as aventuras dos dias quentes de verão se materializando no papel.

Eu não sei se as outras crianças sentiam o mesmo prazer que eu, mas para mim era realmente um ato de desbravamento, de me pôr ali no papel que depois seria lido pela professora. Era prazeroso contar dos acampamentos de fim de semana, dos banhos de mar, de rolar nos grandes combros de areia branquinha da praia do Cassino, dos castelos de areia enfeitados com conchinhas, de ficar na rua até tarde da noite, de ver TV em tardes de chuva e brincar de se esconder dentro de casa, de brincar de professora com minhas bonecas...

Tantas histórias eu tinha para contar. Aqueles meses entre o final de dezembro e o início de março eram abelhas polinizando minha imaginação, materializando cada aventura no papel pautado do meu caderno novo, com meu lápis novo, naquele ano novinho que eu tinha para viver e recordar. Histórias que chegavam ao som que sai de uma concha colocada junto ao ouvido para escutar o murmúrio do mar como se estivesse lá, sentindo a brisa quente que envolvia meu corpo.

Depois de escrever minhas aventuras, muitas vezes rebuscadas de histórias inventadas e aumentadas, eu assinava meu nome com cuidado e muito capricho. Assim, a professora saberia que aquela história era minha, eu era a autora, a guria que viveu aqueles momentos tão mágicos e intensos.

O momento seguinte, que geralmente durava uma semana inteira, era puro tormento, pois eu queria saber se a professora havia gostado da minha história, se estava bem contada, se ela não desconfiava das pequenas invenções no meio do texto. Às vezes, a minha composição voltava com desenhos de estrelas e corações, geralmente no início do ano. Mas, outras composições, outras histórias obrigatórias de serem contadas, voltavam com um V, de visto e nada mais.

Por isso, gostava tanto da volta às aulas, do reencontro com as colegas, a hora do recreio, a merenda, as novas aprendizagens, a composição “Minhas férias de verão” na qual eu podia me contar e me redescobrir permanecem vivas na memória e, por isso, podem ser, mais do que contadas, são vividas novamente com toda aquela intensidade e magia daqueles dias.

As histórias que ecoam, no presente, e que, por isso, possíveis de serem contadas, são para além de uma lembrança, são um **espaçotempo** de reflexão, pois os: “registros, em primeira pessoa, trazem a intensidade da experiência viva da pesquisa, rompendo com a cronologia e apresentando a própria pesquisa como experiência biográfica de formação” (Bragança, 2012, p. 35).

Um movimento de escrita poético que parte da própria experiência, que resulta em pertencimento e protagonismo. Esse distanciamento de mim mesma, permite olhar para o texto e conversar com ele, senti-lo no seu todo, reviver aquele dia que a memória traz para o presente, pois, como nos diz Conceição Evaristo (2017), é “[...] preciso autorizar o texto da própria vida, [...] continuar decifrando os vestígios do tempo [...] e perceber que por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia” (p. 109-110). Um reviver que lembra Walter Kohan (2019) em conversa com Paulo Freire dizendo sobre se estar atenta à infância, de manter viva essa infância e, principalmente, vivê-la com intensidade. Essa intensidade se traduz nos textos que escrevo, não só os acadêmicos, mas também os poéticos em forma de poemas e histórias que transitam entre os contos e as crônicas, como uma forma de poetar a linguagem.

Poetar a linguagem é um gesto de instaurar a rebelião contra o assim das coisas, contra o natural, fugir da linguagem imposta cientificamente como única e verdadeira, da linguagem patriarcal e outras formas narrativas de controle. Poetar a linguagem tem a ver com *Eros* que bell hooks (2017) chama para a sala de aula e eu tomo de empréstimo para a vida, para a minha investigação, para as práticas educativas, para essa escrita e outras tantas que surgem nos nossos cotidianos. É romper com a cisão corpo e mente e trazer para o debate um **corpomente**, que não se separa, que exala o desejo de estarsendo inteira, como afirma a pedagogia crítica feminista, de não haver cisão entre corpo e mente.

Hoje, ao pensar nesse meu passado distante cronologicamente, chegam muitas lembranças de um tempo em que o tempo era alongado. Tempos de brincadeiras e assombros, de descobertas e segredos, de aprendizagens e desaprendizagens “como um ato de curiosidade necessária” (Freire, 2015 [1994], p. 41). Contar histórias sobre esse tempo só é possível através das lembranças que tenho de mim mesma, dessa entrega que passa pelo coração, pelo sentir, pela ideia de que a infância é um lugar que se pode habitar.

Um retorno às experiências que marcaram significativamente a minha existência.

Reviver “às minhas férias de verão”, amplia os sentidos e significados da minha escrita, hoje, pois me possibilita olhar-me de novo, mais atenta, sem pressa, sem julgamentos. Olhar-me como quem olha a si mesma no espelho e se redescobre outra, multifacetada, complexa, viva, movendo-se nesse espaço multidimensional que é a própria vida.

Nesse território narrativo, a memória não é só uma simples lembrança de algo que aconteceu. Ela é um movimento estético e político vinculado à imaginação que não pretende restituir a verdade, mas num jogo mais ficcional, trazer verossimilhança ao narrado, num movimento de escrita que parte da própria experiência, que resulta em pertencimento e protagonismo.

Com as narrativas vamos costurando o vivido, o sentido, o lembrado, o esquecido, numa trama memorialística impregnada de significações e intencionalidades que nos levam para o entremeio da experiência. Uma escrita que possibilita pensarmos para além da palavra, pensarmos nos nossos narrados como gesto político. Essa forma de nos revelarmos através de uma escrita autoral, principalmente quando nos referimos às nossas pesquisas e estudos em educação é uma tarefa **socioculturalpolítica** que precisa ser compartilhada.

Para tanto, precisamos nos desacostumar de velhos hábitos, de fundamentações rígidas que sufocam a escrita, que subjagam a experiência, que deslocam o eu que escreve para um lugar, que nomeei, ‘partícula se’, ignorando sua existência, sua autoria.

Com o doutorado fui sendo apresentada a muitas autoras e autores que trouxe comigo para esse texto, como uma aposta **teoricometodológica** que fazem parte desse espaço narrativo em que se pode pensar com o outro, no qual é possível revelar-se sem medo de julgamentos, num movimento sempre único, irrepetível, um lugar potente para se pensar educação como prática da liberdade, da amorosidade, do encantamento, de desobediência, de afetos, alargando as ideias, saberes e conhecimentos compartilhados.

Uma educação com esse perfil, não pode ser uma educação para ou sobre; uma educação como ato de amor, necessariamente, passa pelo outro, é uma educação com. Uma educação que crie vínculos de compromisso, de solidariedade, de alteridade que nos coloque em constante diálogo com o outro. Com Freire (2020, p. 123-124) apostamos em uma educação que seja “acima de tudo, uma tentativa constante de mudança de atitude. De criação de disposições democráticas através da qual se substituíssem no brasileiro, antigos e culturoológicos

hábitos de passividade, por novos hábitos de participação e ingerência [...].”

Mudança de atitude requer coragem, deslocamento, olhar de novo para o já visto tantas vezes e, quem sabe, perceber nessa paisagem outras nuances, outras cores, outras formas. Compartilho o poema, ‘Ah! Se eu pudesse’, que conversa tanto com esse ato inaugural do olhar, no pedido do olhar descrito nos versos de Hilda Hilst (2017, p. 231), poeta brasileira, em Dez chamamentos ao amigo, em que a poeta diz “[...] olha-me de novo. Com menos altivez / E mais atento. [...] Ama-me. É tempo ainda. Interroga-me. [...] Há tanto tempo sua própria tessitura.”

Ah! Se eu pudesse

Ser Pórtico dando boas-vindas
Ser asas do Quero-quero
Ser Pedra molhada pelas ondas do mar
Ser Leão-Marinho descansando ao sol
Ser Farol no fim dos molhes
Ser Gaivota voando sobre o mar
Ser Oliveira perfumando avenidas
Ser Garça enfeitando as árvores da praça
Ser Cais esperando a balsa de volta ao lar
Ser Biguá mergulhando na lagoa
Ser Coreto da Praça enfeitado de flores
Ser Pardal cutucando telhados
Ser “Árvore-bicho” lá na Xavier
Ser o canto do Bem-te-vi
Ser Minuano anunciando o inverno
Ser Tuco-tuco espiando toda gente
Ser Eucalipto servindo de casa
Ser Caturrita fazendo algazarra
Ser Praia cheia de gente

Ser Cassino louco de saudades
Ser Feira do Livro na Didio Duha´
Ser Furg cheia de saberes
Ser Ilha contemplando o pôr do sol
Ser um Dia cinza tão Rio-Grandino...
Ah! Se eu não tivesse
Olhos tão acostumados!

A poesia atravessa a narrativa e é por ela atravessada. Imagens que falam de um tempo marcado por hábitos de passividade, um murmúrio no qual a eu poética tenta justificar sua inabilidade em “Ser”. Uma linguagem além da palavra, que nos convida a desacostumar nossos olhos, nossos ouvidos, nossos sentidos. Um convite a abraçar a sensibilidade, a poesia, o belo, a natureza, “à procura do universo em que habita o ser da poesia presente-escondida no adulto-educador” (Ostetto, 2019, p. 49).

Renovar o olhar é assumir dentro de nós e ao nosso redor um compromisso com a arte, com o sensível e com o outro na educação. É fazer desse movimento uma experiência prazerosa, coletiva, necessária, transformadora. Desenvolver essa sensibilidade estética na educação e nas nossas pesquisas nos proporciona experimentar o mundo com todos os sentidos. Experimentar e ressignificar o vivido a partir do estético, da cultura estética como refletido por Estévez:

La cultura estética [...] ejerce una función integradora de la conciencia y desempeña, por tanto, un papel esencial en el estímulo a la actividad creadora de la personalidad. En general, los valores artísticos y estéticos tienden a compensar el despojo de los valores que la “robotización”, “matematización” o “digitalización” del pensamiento (que acechan en cada encrucijada del conocimiento) pueda ocasionar a la conciencia: un despojo que conduce a la formación “unilateral” de los educandos que, por esa razón, no desarrollarán ojos ni oídos para captar la belleza del mundo (Estévez, 2008, p. 13).

Para que essa consciência não se esvazie e caia no círculo vicioso do utilitarismo, precisamos “suspender o tempo social para que os que a habitam possam encontrar seu próprio tempo para pensar o mundo que habitam” (Kohan, 2019, p. 132). A escola não pode

ser um lugar para a transmissão de conhecimentos. Apostamos num lugar outro, um lugar de possibilidades de formação estética, de música, de dança, de poesia, de filosofia, na qual possamos pensar o processo **ensinoaprendizagem** como um ambiente rico e multifacetado de compartilhamentos.

Precisamos educar os sentimentos, compor com o outro essa trama de gentes que habitam as escolas. “Para que esse professor tenha essa formação estética, deve abrir-se à experiência do sensível. Não só com relação às crianças, mas a si mesmo” (Guedes; Ferreira, 2020, p. 10). Palavras que nos inspiram a pensar, mais uma vez, com Paulo Freire e a amorosidade que atravessa sua vida, sua obra e, que nos convida a pensar e viver um modo outro de educar, crianças, jovens, adultos e a nós mesmas.

Como pesquisadora narrativa em educação, busco partilhar minhas experiências, assim como as experiências que produzimos coletivamente. Pensar nossas narrativas educativas sob essa perspectiva significa pensá-las com seus atravessamentos, pelas muitas vozes que marcam o caminhar, pelas ressignificações provocadas por essas trocas. Experiências que deixam marcas.

Dorneles e Suárez (2023), nos convidam a documentar narrativamente em processos de escrita e reescrita nossas experiências “tecidas nas ações formativas e de indagação pedagógica com o coletivo de docentes” (p. 02-03), como forma de partilhar sonhos, experiências, desejos, que se constitui em oportunidade de dar continuidade e profundidade às reflexões que tramamos no coletivo e também como forma de fazer circular nossos **saberesfazeres**.

Experiências costuradas com os fios da memória em diferentes momentos da vida servem de reflexão tanto para o campo investigativo como para o campo educativo, no próprio fazer pedagógico. Um movimento de reflexão sobre mim e minha travessia no existir sensível. Numa escrita (auto)biográfica, o ato de narrar sobre o vivido, como uma dimensão estética: “[...] sobre as experiências vividas, engendradas na parada para pensar sobre os tempos, espaços, e acontecimentos que nos constituem, abre canais para um movimento singular de intervenção sobre os percursos formativos e artísticos” (Delory-Momberger, 2006, p. 369).

O que eu quero dizer, é que, a minha história, o que eu tenho para contar, compartilhar

é potente, assim como o é, aquilo que o outro também tem para nos contar. Deixar-se envolver por essas experiências pede um corpo em movimento. Um corpo em movimento é um convite para olhar para nós como protagonistas e ao mesmo tempo, parar, olhar, escutar, como se faz diante dos trilhos do trem, quando a cancela abaixa e ouvimos de longe o apito do trem e naquela fração de um piscar de olhos, que demora mais do que o tempo cronológico, admiramos toda a beleza e as cores daquela máquina tão poderosa, que nos leva para lugares e tempos outros que a nossa imaginação pode inventar.

Gosto de pensar sobre a delicadeza de sentir e viver mais devagar, de suspender a pressa, Bondía (2002) de procurar demoradamente aquela letrinha no prato de sopa (Andrade, 2015), de carregar água numa peneira (Barros, 2011), de esperar e viver a boniteza da vida (Freire, 2021), de mirar con nuevos ojos (Najmanovich, 2008), de nos impregnados de Eros (hooks, 2017), deixar a vida entrar (Bragança, 2012), nos tornarmos escutadeiras feministas (Diniz, 2022), de habitar a poesia (Ostetto, 2019), de literaturizar a ciência (Alves, 2008), de nos abrimos a (Guedes, Ribeiro, 2020), narrar nossa escrevivência (Evaristo, 2017), de narrar nossas experiências (Dorneles, Suárez, 2023), de nos tornarmos educadoras (Freire, 2019), enfim, de sermos capazes de projetar nossa sensibilidade como projeto de vida (Estévez, 2008).

Tomamos como inspiração, todos esses convites de se pensar e viver a educação e a investigação como uma provocação ao refletir narrativamente para além da palavra, o narrar sensível e poético que nos permite questionar lugares de fala e de escuta, de transformação com o outro, numa perspectiva ética, estética, política, poética, um desafio para uma revisão crítica de como nós estamos escrevendo nossa própria história de vida, educativa e investigativa.

Palavras espichadas: para além do ponto final

Narrar para mim é um fazer poético. Mas, não só. É também ato ético, estético e político. Tanto quem escreve como quem lê está polinizado com suas próprias experiências e não tem como as deixar em outro lugar, como se pudéssemos fechar uma porta com a experiência lá dentro. É a nossa experiência que nos convida a participar como gesto ativo dessa troca de expectativas em relação à escrita e a leitura.

Em conversa com Madalena Freire (2001), compreendi que o registro de nossas experiências nos obriga a pensar, possibilita tomarmos um distanciamento necessário para a reflexão sobre nosso próprio fazer, assim como autoriza “a sistematização de um estudo feito ou de uma situação de aprendizagem vivida. O registro é História, memória individual e coletiva eternizadas na palavra grafada. É o meio capaz de tornar o educador consciente de sua prática de ensino, tanto quanto do compromisso político que a reveste (Freire, 2001, p.10).

Essa narrativa está polinizada pelas memórias da infância, como lugar, segundo Kohan (2019, p. 161) “de curiosidade, alegria, vitalidade”, que atravessa a vida toda, como algo que educa. Por isso, escutar atentamente os ecos da nossa infância e narrá-los como um ato necessário para que possamos compreender o presente. Relacionar-me com minha infância, aparece como forma de ressignificar e dar sentido ao vivido.

Pensar a infância como teorias que buscam dar vida, corpo e propósito ao ato de educar, pois, segundo Marques (2008, p. 43) “[...] a escrita não tem simplesmente uma história, ela possui historicidade, isto é, a capacidade de produzir-se e produzir seu próprio campo simbólico, social e cultural, de constituir-se na constituição da história, a sua e a geral, e na ruptura com as formas que criou.

Nesse sentido, buscamos narrar nossas histórias de vida, educativas e investigativas, mais do que metodologias, visamos configurar movimentos marcados pelo afeto, pela amorosidade, pela empatia, pela sororidade e, também de dar a ler, experiências, memórias, sentimentos e sensações, num processo de (re)construção dos modos de ver, sentir, habitar o mundo.

Desse modo, o presente texto é um convite para escutarmos o que o cotidiano nos diz, escutar nossa própria voz e as outras vozes que conversam conosco, pois, o cotidiano é uma constelação de pessoas, de saberes, de amores, de incertezas, de significações, de reflexões, de histórias, de sentidos, de vivências, de medos, de angústias, de bonitezas, de infâncias...

Comecei essa escrita com um poema e quero terminar com outro poema, que conversa muito comigo, com a vida, com a pesquisa e com o ato de educar. Um poema-metáfora que convida a pensarmos poeticamente!

tenho em mim um gosto estranho
por coisas indizíveis
às vezes invento palavras e os dicionarizatórios
me olham como se eu não tivesse direito de dicionarizar minhas palavras

raramente eu abro um dicionário
porque o que eu escrevo
é o que eu sinto

e não sei se os dicionários já sentiram
vibrar o coração dentro do peito
suar as mãos trêmulas diante do ocaso
as pernas bambas como se caminhassem no ar

talvez por serem “os”
e assim terem aprendido de menino a cara sisuda
os olhos secos
a boca que nomeia
a ditar modelos
não percebam que são eles também vítimas dessa sordidez
política
celestial
pensada por aqueles que se travestem de ternos caros
e batinas e sotainas e seus 33 botões de alto a baixo

quando você estiver lendo minhas coisas indizíveis
e talvez se identifique com uma delas
ou não saiba dessa palavra inventada
reinventa teu pensamento, porque ele
- o pensamento - sabe da caminhada
do indizível *sino qua non* do sentimento

invento palavras para dizer o que sinto
e o que sinto escrevo...

Referências

- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, Nilda. (Orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**: sobre redes de saberes. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.
- ANDRADE, Carlos Drummond. **Nova reunião**: 23 livros de poesia / Carlos Drummond de Andrade. - 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Ed. Leya, 2011.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, 2002. Disponível em Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Acesso em: 15 jul. 2024.
- BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professoras**: Diálogos entre Brasil e Portugal. Rio de Janeiro: EDUERJ/FAPERJ, 2012.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 2, p. 359-371, mai./ago. 2006.
- DINIZ, Debora. **Esperança Feminista** / Debora Diniz, Ivone Gebara. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.
- DORNELES, Aline Machado; SUÁREZ, Daniel Hugo. Documentação narrativa de experiências pedagógicas na formação docente em redes. **Horizontes**, [S. l.], v. 41, n. 1, p. e023010, 2023. DOI: 10.24933/horizontes.v41i1.1645. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1645>. Acesso em: 15 jul. 2024.
- ESTÉVEZ, Pablo René. **Los colores del arco iris**. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 2008.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vivêncio**. Rio de Janeiro: Palhas, 2017.
- FREIRE, Madalena. O papel do registro na formação do educador. In: **Diálogos Textuais**. São Paulo: Espaço Pedagógico. 2001.
- FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015 [1994].
- FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 10ª ed. Paz e Terra, São Paulo: 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**, 25. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços** / Eduardo Galeano; tradução de Eric Nepomuceno. - 9. ed. - Porto Alegre: L&PM, 2002.

GODOY, Rossana; RIBEIRO, Tiago. Chuva de estrelas: entre metáforas e narrativas para sentir/pensar caminhos investigativos desde nossas ancestralidades. **Revista Educação Unisinos**, v. 25, 2021

GUEDES, Adrienne Ogêda; FERREIRA, Michelli Dantas. Formação sem fôrma: a singularidade do processo de ser professor da Educação Infantil. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 1-12, jan.-abr. 2020.

GUEDES, Adrienne Ogêda; RIBEIRO, Tiago. Revelar-se ou ocultar-se? Apontamentos para pensar uma pesquisa educativa. In: GUEDES, Adrienne Ogêda; RIBEIRO, Tiago. (Orgs.). **Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

HILST, Hilda. **Da poesia**. - 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo Martins Fontes, 2017.

KRENAK Ailton. A potência do sujeito coletivo – parte 1. Rev Periferias [Internet]. 2018. Disponível em: <https://revistaperiferias.org/materia/apotencia-do-sujeito-coletivo-parte-i> Acesso 15 jul 2024

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KOHAN, Walter. **Paulo Freire, mais do que nunca: uma biografia filosófica**. 1. ed; 1. reimp. - Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

MARQUES, Mario Osório. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

NAJMANOVICH, Denise. **Mirar con nuevos ojos: nuevos paradigmas en la ciencia y pensamiento complejo**. 2. ed. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2008.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. A pesquisa em círculos tecida: ensaios de metodologia errante. In: GUEDES, Adrienne Ogêda; RIBEIRO, Tiago. (Orgs.). **Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de. Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor? In: Ribeiro, Tiago; Souza, Rafael de;

Sampaio, Carmen Sanches (org.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia. In: **Dicionário de Pesquisa Narrativa.** (Orgs.). Graça Reis, Inês Barbosa de Oliveira, Patrícia Baroni. - Rio de Janeiro, RJ: Ayvu, 2022.

SUÁREZ, Daniel Hugo. Relatar la experiencia docente. La documentación narrativa del mundo escolar. Revista Teias. **Conversas sobre formação de professores, práticas e currículos.** UERJ, Rio de Janeiro. v. 18, n. 50, (Jul/Set), 2017. p. 193 – 209.

Submissão em: 03/07/2024

Aceito em: 07/10/2024

Referências conforme normas da:

